



FACULDADE NOVA ESPERANÇA  
CURSO DE GRADUAÇÃO BACHAREL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MARCOS ANTONIO SOUZA DE ANDRADE

A PRÁTICA DE EXERCÍCIO FÍSICO COMO MEIO INCLUSIVO A CRIANÇA COM  
TRANSTORNO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

MOSSORÓ – RN

2020

MARCOS ANTONIO SOUZA DE ANDRADE

A PRÁTICA DE EXERCÍCIO FÍSICO COMO MEIO INCLUSIVO A CRIANÇA COM  
TRANSTORNO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCCII), como requisito necessário para obtenção do título de bacharel em Educação Física, pela Faculdade Nova Esperança de Mossoró

Orientador: Prof. Esp. Alberto Assis Magalhães

MOSSORÓ - RN

2020

Faculdade Nova Esperança de Mossoró/RN – FACENE/RN.  
Catalogação da Publicação na Fonte. FACENE/RN – Biblioteca Sant'Ana.

A553p Andrade, Marcos Antonio Souza de.

A prática de exercício físico como meio inclusivo a criança com Transtorno Espectro Autista (TEA) / Marcos Antonio Souza de Andrade. – Mossoró, 2020.

31 f.

Orientador: Prof. Esp. Alberto Assis Magalhães.

Monografia (Graduação em Educação Física) – Faculdade Nova Esperança de Mossoró.

1. Transtorno do Espectro Autista. 2. Exercício Físico. 3. Inclusão. I. Magalhães, Alberto Assis. II. Título.

CDU 796:616.89-008

MARCOS ANTONIO SOUZA DE ANDRADE

A PRÁTICA DE EXERCÍCIO FÍSICO COMO MEIO INCLUSIVO A CRIANÇA  
COM TRANSTORNO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Monografia apresentada à disciplina de  
Trabalho de Conclusão de Curso (TCCII),  
como requisito necessário para obtenção do  
título de bacharel em Educação Física, pela  
Faculdade Nova Esperança de Mossoró

APROVADA EM: 02 / 12 / 2020

BANCA EXAMINADORA

Alberto Assis Magalhães

Prof. Alberto Assis Magalhães - FACENE.

Presidente

José Garcia de Brito Neto

Prof. M. José Garcia de Brito Neto - FACENE

Primeiro Membro

Stheshy V. e Souza Oliveira.

Prof. Stheshy Vieira Souza - FACENE

Segundo Membro.

Dedico este trabalho a minha mãe Maria Tilda Toscano de Andrade, pelo amor, compreensão, força e incentivo proporcionados ao longo desta caminhada.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a DEUS, autor da minha fé, e principal responsável por toda e qualquer conquista em minha vida, por ter me orientado, dado sabedoria, determinação e fé para superar todos os obstáculos que surgiram ao longo da caminhada, bem como permitir que eu chegasse até aqui com a certeza de que não existe vitória sem batalha, e que tudo tem um propósito e sua permissão.

A minha mãe Maria Tilda Toscano de Andrade e minha tia Terezinha Toscano de Andrade pelas orações, apoio, esforço, incentivo, exemplo de perseverança, humildade e amor, pela família sólida que me proporcionou crescer, no amor de Deus e nos ensinamentos de valores que contribuíram grandemente para construção da pessoa que hoje sou.

A minha noiva, Fernanda Lima de Oliveira pelo cuidado, amor e carinho, por ter me ouvido, incentivado e apoiado na construção deste trabalho, e por sempre me dar uma palavra de força e confiança.

Ao meu orientador Alberto Assis, pela dedicação, disponibilidade e compromisso com que me orientou durante o desenvolver desta monografia, por compartilhar seus conhecimentos e contribuir de forma significativa para construção deste trabalho.

Ao professor André Mattos, e ao meu professor e coordenador José Garcia, por ter aberto os meus olhos e ter feito eu entender o quão maravilhosa é a educação física. Para mim foi um exemplo perseverança, meu muito obrigado pelas palavras de ânimo, sucesso e pelos incentivos na realização deste sonho.

Aos membros da banca, pelo interesse e disponibilidade em participarem deste momento tão importante para a conclusão da graduação.

A todos os professores da Faculdade de Educação Física da FACENE que contribuíram para meu aprendizado, e aqueles que, de uma forma ou de outra, deixaram sua contribuição para meu crescimento pessoal e profissional ao longo desta jornada.

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para  
todo o propósito debaixo do céu.

(Eclesiastes 3:1)

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	9
1.1 PROBLEMATIZAÇÃO .....	9
<b>1.2 JUSTIFICATIVA</b> .....	10
1.3 OBJETIVOS .....	10
1.3.1 Objetivo Geral.....	10
1.3.2 Objetivos Específicos.....	11
<b>2 REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	11
2.1 O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA).....	11
2.2 A PRÁTICA DE EXERCÍCIO FÍSICO COMO MEIO INCLUSIVO DE CRIANÇAS COM TEA.....	12
<b>3. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS</b> .....	14
<b>4. RELATANDO O VIVIDO E O PROCESSO FORMATIVO FRENTE A UMA CRIANÇA COM TEA.</b> .....	15
<b>5. A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM TEA</b> .....	21
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	25
<b>REFERENCIAS</b> .....	27

## RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) define-se por prejuízos persistentes na comunicação e interação social, bem como nos comportamentos que podem incluir os interesses e os padrões de atividades, sintomas estes, presentes desde a infância, e que limitam ou prejudicam o funcionamento diário do indivíduo. O presente estudo tem como objetivo geral analisar os benefícios da prática de exercício físico como proposta inclusiva a criança com TEA. Como objetivos específicos objetiva apresentar as características do Transtorno do Espectro Autista (TEA), analisar o papel do exercício físico para o desenvolvimento motor, mental, social, emocional e cognitivo da criança com autismo e também identificar os benefícios da relação da prática de exercício físico e inclusão social das crianças com TEA. A pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo e descritivo, na forma de pesquisa bibliográfica narrativa a partir do contexto das aulas de estágio. Ademais, por meio da revisão da literatura foi realizado um estudo bibliográfico com pesquisas em documentos oficiais e produções científicas acerca do tema. Assim sendo, a metodologia empregada além de analisar a visão de alguns autores sobre o tema, como referência e fundamento teórico os estudos de Brandalise (2013); Correia (2012); Ferreira (2019); Onzi; Gomes (2015), Teles; Cruz (2018) e Oliveira (2009) entre outros além da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, trás um relato de experiência vivenciado na sala de estágio da prática de exercício funcional com uma criança com TEA.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista. Exercício Físico. Inclusão.

## ABSTRACT

Autistic Spectrum Disorder (ASD) is defined by persistent impairments in communication and social interaction, as well as in behaviors that may include interests and activity patterns, symptoms that have been present since childhood and that limit or impair functioning individual's diary. The present study aims to analyze the benefits of physical exercise as an inclusive proposal for children with ASD. As specific objectives, it aims to present the characteristics of Autistic Spectrum Disorder (ASD), to analyze the role of physical exercise for the motor, mental, social, emotional and cognitive development of children with autism and also to identify the benefits of the relationship between the practice of physical exercise and social inclusion of children with ASD. The research stands out as a qualitative and descriptive study, in the form of narrative bibliographic research from the context of the internship classes. Furthermore, through the literature review, a bibliographic study was carried out with research on official documents and scientific productions on the subject. Therefore, the methodology used, in addition to analyzing the view of some authors on the topic, as a reference and theoretical basis, the studies by Brandalise (2013); Correia (2012); Ferreira (2019); Onzi; Gomes (2015), Teles; Cruz (2018) and Oliveira (2009), among others, in addition to the Education Guidelines and Bases Act of 1996, brings an account of the experience lived in the internship room of the practice of functional exercise with a child with ASD.

**Keywords:** Autistic Spectrum Disorder. Physical exercise. Inclusion.

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 PROBLEMATIZAÇÃO

O autismo é qualificado por anormalidades no desenvolvimento, que acontecem antes dos três anos de idade, continuando por toda a vida de uma pessoa. Entre estas anormalidades, sobressaem-se três áreas do desenvolvimento: a interação social, linguagem e comunicação, presença ou repertório de comportamentos e interesses restritos, estereotipados e repetitivos. (LIMA; VIANA, 2016).

De acordo com DSM – V (Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais), APA (2014, p. 49), “o transtorno do espectro autista é a consideração diagnóstica primária para indivíduos que apresentam déficits na comunicação social”

Ainda de acordo com o DSM – V, APA (2014) as características essenciais do transtorno do espectro autista são prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, sintomas estes, que estão presentes desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário.

Brandalise (2013), explana que Transtorno do Espectro Autista (TEA) é hoje em dia entendido como uma desordem neurológica que se manifesta desde a primeira infância e é quatro vezes mais predominante em meninos do que em meninas. Dentre as características do TEA pode-se apontar o prejuízo na interação social, prejuízo na comunicação e comportamento atípico tendendo a ser restrito e repetitivo. A causa do transtorno ainda não se sabe.

Desse modo, todas as escolhas de terapias e meios para tratamento do TEA, feitas pela família, deve ter como premissa favorecer o desenvolvimento da criança, focando sempre nas principais dificuldades apresentadas por meio de diagnóstico.

Segundo Oliveira (2004), entende-se que a Educação Física, como disciplina, pode atuar junto aos alunos que apresentam a síndrome Autista, realizando atividades coletivas ou individuais que potencializem a socialização e a interação social destes alunos, possibilitando-lhes o desenvolvimento da consciência corporal, a qual lhes permite a construção de si próprios como seres inseridos no mundo.

Diante o exposto, o presente estudo busca responder o seguinte questionamento: **A prática de exercício físico é um meio de inclusão para criança com Transtorno Espectro Autista?**

## 1.2 JUSTIFICATIVA

O interesse pela temática surgiu a partir do momento em que uma criança com TEA, encontrava-se nas aulas de Funcional Kids da academia na qual realizava o estágio. Durante a observação percebeu-se a dificuldade que esta criança tinha para relaciona-se com as demais. Isto foi o motivo principal que despertou para a abordagem da prática do exercício físico como meio inclusivo a crianças com TEA. Entende-se que ao inserir o aluno com autismo nos exercícios físicos facilita as ligações e relações do brincar e os processos do desenvolvimento motor da criança com seus efeitos em um ambiente favorável para os estímulos, muito significativo para a vida futura da criança.

No início a criança com TEA não se sentia à vontade, mostrava-se agressiva e agitada, entretanto, mediante um trabalho de inclusão desenvolvido por meio da realização de brincadeiras como: corridas, saltos, desvios de obstáculos, dança, imitações e dentre outras, sempre trabalhadas de forma coletiva, afim de promover o melhor relacionamento e a interação com as demais, a criança com TEA começou a mudar seu comportamento, interagindo melhor com as outras crianças, participando das aulas e da realização dos exercícios com uma melhor desenvoltura. Posto isso, a mãe chegou a relatar que a mesma demonstrava bastante interesse em participar do funcional, ao ponto de ficar atento aos dias e horários das aulas.

Esse fato chamou atenção, pois percebeu-se que a prática de exercícios físicos se forma coletiva foi fundamental para mudar a forma de agir da criança com TEA. Ante o exposto, a discussão acerca deste estudo possui grande relevância social na medida em que a prática de exercício físico pode contribuir para o desenvolvimento da capacidade comunicativa, redução do comportamento antissocial, bem como na mudança de comportamentos, como por exemplo, que demonstram inadaptação, estereotípias e agressividade em crianças portadoras de TEA.

## 1.3 OBJETIVOS

### 1.3.1 Objetivo Geral

- Analisar os benefícios da prática de exercício físico como proposta inclusiva a criança portadora de TEA.

### 1.3.2 Objetivos Específicos

- Apresentar as características do Transtorno do Espectro Autista (TEA);
- Analisar o papel de exercício físico para o desenvolvimento motor, mental, social, emocional e cognitivo da criança com autismo;
- Identificar os benefícios da relação da prática de exercícios físicos e inclusão social das crianças portadora de TEA.
- Analisar a Importância da família no desenvolvimento da criança com TEA

## 2. REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1 O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Gadia (2006, *apud* Onzi; Figueredo, 2015) define autismo como um transtorno complexo do desenvolvimento, na perspectiva comportamental, com distintas etiologias que se manifesta em graus de gravidade diversificados.

De acordo com Oliveira (2009) o Autismo é um termo de origem grega, etimologicamente, quer dizer, *autos*, “próprio; de si mesmo” e *ismo*, é usado dentro da psiquiatria para nomear comportamentos centrados em si mesmos que revela um estado ou uma orientação, retrata uma pessoa fechada, reclusa em si. Nesse sentido, o autismo é entendido como um estado ou uma condição, que parece estar recluso em si próprio manifestando-se de maneira diferente em cada criança.

Ademais, segundo Moraes e Jesus (2017 p.15) o autismo é um transtorno comportamental que ocorre durante o desenvolvimento infantil, caracterizado por déficit nas habilidades sociais e de comunicação, nos padrões repetitivos e restritos de comportamento e interesses.

Conforme NUNES; AZEVEDO; SCHMIDT, 2013, p. 558 TEA “é definido como um transtorno do desenvolvimento neurológico e global, que deve estar presente desde a infância, apresentando importantes déficits nas dimensões sociocomunicativas e comportamentais”

A Organização Mundial da Saúde (OMS) no ano de 2000 explica que o autismo é como transtorno global do desenvolvimento determinado pela presença de desenvolvimento anormal e/ou comprometido nas áreas de interação social, comunicação e comportamento restrito e repetitivo. É um problema que gera um atraso excepcional no desenvolvimento motor, cognitivo e social da criança.

O DSM – V (Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais), APA (2014), esclarece que o termo “autismo” passou por diversas alterações ao longo do tempo, e atualmente é chamado de Transtorno do Espectro Autista (TEA) que se caracteriza por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos. Inclui-se déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, conservar, permanecer e compreender relacionamentos. DSM – V, APA (2014), ainda coloca que, além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades.

Nesse contexto, Ferreira (2011) expõe que os relacionamentos sociais e a educação da criança autista é diretamente influenciada pelas perturbações pelas quais é acometida uma criança com TEA. O autor ainda afirma que, embora por muitos anos tenhamos um considerável crescimento no que se refere as investigações acerca destas perturbações, ainda centra-se apenas no diagnóstico e na intervenção, tendo sua maior relevância apenas no campo da educação.

Cruz et al, (2010), explica com clareza que as perturbações do Espectro do Autismo, são caracterizada pelo desenvolvimento consideravelmente anormal ou deficitário da interação e comunicação social, e por um quantitativo de atividades e interesses restritos. Vale destacar ainda, que tanto a idade cronológica como o grau de desenvolvimento da criança com TEA influenciam significativamente as manifestações da mesma.

## 2.2 A PRÁTICA DE EXERCÍCIO FÍSICO COMO MEIO INCLUSIVO DE CRIANÇAS COM TEA

Conforme Sasaki (1997), o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais e gerais, pessoas com necessidades especiais e simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade.

Segundo Oliveira (2004), a Educação Física é compreendida como uma disciplina que pode atuar junto aos alunos que apresentam a síndrome Autista, através da realização de atividades coletivas ou individuais que potencializem a socialização e a interação social destes alunos, visto que estas atividades lhes possibilitam o desenvolvimento da consciência corporal, a qual lhes permite a construção de si próprios como seres postos no mundo.

Esta dimensão de atuação da Educação Física é permitida a luz da legislação, que está assegurada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96(LDBEN), que confere um

papel pedagógico formativo e informativo junto às crianças, jovens e adolescentes, em que o papel formativo acerca das contribuições relativas ao desenvolvimento físico, social e psicológico. (OLIVEIRA, 2004).

Falkenbach, Diesel e Oliveira (2010, p. 210) esclarece que a “iniciativa para brincar é um comportamento interessante para avaliar o desenvolvimento da criança.” Sendo assim, é possível que a iniciativa e interesse da criança com de TEA em brincar, facilita a sua socialização com as demais crianças e que isso ocorre porque elas sentem-se aceitas e seguras tanto pelas crianças como pelo professor ou profissional de educação física.

Conforme Schliemann (2013), os exercícios físicos e esportivas proporcionam excelentes oportunidades de aprendizagem para os indivíduos autistas, como também prazer e autoestima, aprimoramento da qualidade de vida, e que os benefícios do esporte e da atividade física que distende, ao bem-estar da pessoa.

Corroborando com este entendimento, Massion (2006), afirma que as crianças e jovens autistas podem se beneficiar das práticas esportivas e do exercício físico nas dimensões do aprendizado sensório-motor, da comunicação e da socialização, além de serem fatores decisivos para o sucesso dos processos de aprendizagem dado a melhoria da motivação e da autoconfiança

Considerando que as crianças com TEA cansam facilmente, tanto física como mentalmente, o professor deve olhar com atenção, já que muitas vezes lhes faltam a compreensão e discernimento desse cansaço. Além disso, a criança com TEA falta a sensibilidade a níveis baixos de dor, têm a propriocepção modificada, e a criança pode tornar-se incapaz de perceber os estímulos do seu próprio corpo e responder a esses sentimentos de mal-estar com condutas inapropriadas. (ATTWOOD, 2002).

Para Silva Junior (2012) o transtorno da criança com TEA afeta o desenvolvimento motor, cognitivo e social, sendo assim, faz-se necessário e importante um trabalho comprometido com o desenvolvimento destas crianças de forma ampla, buscando sempre as melhores estratégia, a fim de que os resultados alcançados contribuam de fato para o desenvolvimento como crianças como um todo.

Nesse contexto Maranhão Sousa (2012) prática de atividades físicas realizada nas aulas de Educação Física pode trazer muitos benefícios para o aluno com TEA, melhorando seu desenvolvimento motor e suas relações sociais.

Hollerbusch (2001) enfatiza a importância da Educação Física uma vez que a prática de atividades tem por finalidade desenvolver aspectos importantes para criança, a medida que proporciona melhorias no desenvolvimento da criança, tais como a motricidade, a tomada de

consciência, de imagem do corpo, de espaço e a capacidade de adaptação e cooperação. Para o autor a Educação Física contribui de forma positiva para a inclusão do aluno com TEA, no que se refere ao desenvolvimento das habilidades motoras e a socialização. Suas dificuldades devem ser trabalhadas por meio de atividades que propõem incluir e melhorar seu desenvolvimento, sendo assim as aulas devem apresentar uma perspectiva inclusiva onde o professor deverá oportunizar ao aluno a participação em todas as atividades realizadas, porém, respeitando as diferenças.

### 3. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

O presente estudo trata de uma pesquisa bibliográfica narrativa utilizando-se de dados qualitativos originários das aulas de exercício físico funcional com criança autista.

Deslauriers (1991) afirma que na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é inesperado. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações. Minayo (2001), defende que a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Ante o exposto o presente estudo é de caráter qualitativo e descritivo. Conforme Godoy (1995, p. 58), a pesquisa qualitativa não procura enumerar ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados, envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos.

Nesse contexto Goldenberg (1997) afirma que:

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1997, p. 34).

Assim sendo, o referido estudo trata-se de uma abordagem de cunho narrativo sobre o comportamento observado e os resultados identificados em uma criança com TEA.

Em conjunto, foi realizado um estudo bibliográfico com pesquisas em documentos oficiais e produções científicas disponíveis em base de dados acerca do tema. Para Malheiros (2010, p. 01) a pesquisa bibliográfica “levanta o conhecimento disponível na área identificando as teorias produzidas, analisando-as e avaliando sua contribuição para compreender ou explicar o problema objeto da investigação.” A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, compreende toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, como exemplo: publicações avulsas, boletins, formais, revistas, livros, legislação específica, pesquisas monográficas, teses, artigos científicos, dentre outros.

#### **4. RELATANDO O VIVIDO E O PROCESSO FORMATIVO FRENTE A UMA CRIAÇÃO COM TEA.**

De acordo com Zanella & Aguiar, 2015 o treinamento funcional é definido como um treinamento dinâmico, por meio do qual trabalha-se diversos padrões básicos de movimentos que são usados no cotidiano, tais como em tarefas laborais, esportivas, dentre outras. E Foi por meio deste treinamento funcional que vivenciei inúmeras experiências jamais vividas anteriormente, no que se refere ao conhecimento profissional relacionado à prática de exercício física com crianças com TEA.

Castro (2002 apud FIORENTINI, 2008) e Rocha (2005 apud FIORENTINI, 2008) afirmam que os estágios supervisionados são de fundamental importância para a formação do professor, tendo uma aprendizagem significativa para o futuro profissional. E foi através desse estágio que obtive muitas experiências que não seriam possíveis apenas no âmbito da sala de aula. Como por exemplo, o contato com diversos tipos de pessoas, cada uma delas com suas individualidades, características, comportamentos, dificuldades e limitações diferentes.

Durante o período de estágio, em um dia normal de aula, recebi para uma aula experimental uma criança, aparentemente calada e introspectiva, acompanhada de sua mãe. Tendo em vista que o horário de início da aula já estava bastante avançado, não houve tempo hábito para que eu pudesse desenvolver um diálogo mais coerente com aquela mãe acerca da criança, só existindo tempo para que a mesma me informasse, de forma rápida e precisa que

eu tomasse bastante cuidado, visto que ela considerava o filho uma criança “diferente” das demais crianças.

Ao ouvir tal informação confesso que inicialmente fiquei um pouco assustado e apreensivo. E foi neste exato momento que as demais crianças presente na sala já me chamavam pelo nome para iniciarmos logo a aula.

Então iniciei as atividades, e logo que comecei percebi que a criança cuja mãe me pediu cuidados especiais, apresentava comportamentos diferenciados, não se enturmava com as demais crianças, realizava movimentos repetitivos em frente ao espelho, e quando eu tentava aproximar-me dela para estabelecer um diálogo, a mesma afastava-se para uma direção contrária.

Nesse momento eu fiquei chateado comigo mesmo, pois eu nunca tinha sido “desprezado, rejeitado” por uma criança, sempre conseguia interagir muito bem com elas e ter respostas positiva das mesmas, mas com esse aluno foi totalmente diferente.

Ao perceber meu incômodo e tentativas de aproximação, a mãe da criança dirigiu-se até mim, e com os olhos cheios de lágrimas falou-me que o seu filho foi diagnosticado com Transtorno de Espectro Autista (TEA), e que ele não se adaptava a nenhuma modalidade coletiva, já tinha tentado diversas vezes, e não tinha obtido êxito, então ali não seria diferente, e com isso achava melhor desistir.

Nesse momento me bateu um aperto no peito, pois nunca tinha recebido naquele ambiente uma criança como aquela, mas logo tomei aquilo como um desafio, e com um sorriso no rosto eu coloquei a mão no ombro dela e falei “A partir de hoje, seu filho será um professor para mim, para você e para todas essas crianças que aqui estão”. Pois como afirma Paulo Freire (1997, p. 25) “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” Aquela mãe ficou surpresa com as minhas palavras, e sorriu com um olhar de esperança de que algo pudesse melhorar na vida de seu filho. Na aula do funcional adulto, pessoas olhavam e viam que essa criança tinha algo diferente das demais. Pude perceber nos olhares de alguns um ar de pena, em outros de preconceito e outros de alegria.

A fim de desenvolver um trabalho que realmente pudesse ajudar essa criança comecei a buscar conhecimento acerca do autismo, e tive que adaptar e implementar novas abordagens, não para o aluno específico, mas para toda a turma, a fim de que os exercícios ali realizadas, além de trazer todos os benefícios relacionados ao condicionamento físico e desenvolvimento motor, ainda fossem realizadas de forma divertida e prazerosa para aquelas crianças, de modo a proporcionar uma maior interação entre elas.

De acordo com MELO (2007) o indivíduo com autismo apresenta alterações precoces que se apresentam desde a fase pré-escolar, e se caracterizam por déficit na comunicação, na interação social e no uso da imaginação, apresentando atraso global do desenvolvimento, comportamentos e interesses limitados e repetitivos.

Diante o exposto, destaco que as características descritas acima eram percebidas nitidamente na criança com TEA, a aula continuou sendo uma só para todos, porém, no início enfrentamos muitas dificuldades, pois como todo processo adaptativo existem obstáculos que só serão superados no decorrer do processo. A criança com TEA, inicialmente não apresentava evolução no relacionamento com às demais crianças, à medida que mostrava-se irritado, e apresentava conflito com os participantes. Como espectadora das aulas, a mãe desta criança demonstrava comportamento aflito, e ansioso, almejando por algo que realmente pudesse ajudar seu filho, não apenas no que se refere ao desenvolvimento das capacidades físicas e motoras, mas também em busca de uma melhor interação social.

Frente a este cenário demonstrei para esta mãe que no funcional kids que realizávamos naquele ambiente usávamos brincadeiras como forma de treino. Pois brincadeira é entendido como recurso que facilita a aprendizagem, ensina e educa de forma prazerosa, além de contribuir para o desenvolvimento da criança (KISHIMOTO, 2011)

Para Hollerbusch, 2001, p. 83, “Os professores têm que saber ensinar e, concomitantemente, distrair e divertir, mantendo uma relação positiva com cada aluno, pares de alunos e o grupo”.

Conforme Corezola, 2015 o treinamento funcional é benéfico no que favorece na evolução de movimentos mais complexos, à medida que reuni muitas capacidades físicas na execução, fato este que contribui para aumento de gastos calóricos, e conseqüente perda de gordura, progresso na flexibilização, facilidade em se equilibrar, resistência cardiorrespiratória e aperfeiçoamento da coordenação motora, além de proporcionar o fortalecimento muscular.

Durante o período que passei na graduação, aprendi como o corpo docente que a Educação Física vai muito mais além do que uma bola, um corpo sarado, mas também é enxergar a dor outro, e que através do conhecimento adquirido é capaz de ajudar as pessoas a desenvolverem uma qualidade de vida melhor. Eu enxerguei a dor daquela mãe em ver que seu filho não estava sendo incluso no meio social devido dificuldades que encontrava no processo de inclusão.

Segundo Mantoan (2003, p. 81) ensinar na perspectiva do processo de inclusão significa “[...] ressignificar o papel do professor, da escola, da educação e de práticas pedagógicas que são usuais no contexto excludente do nosso ensino, em todos os níveis”.

Foi exatamente nesse entendimento que ressignifiquei meu papel como professor estagiário nas aulas de funcional Kids , e enquanto professor naquele ambiente busquei as melhores práticas pedagógicas que considerei usual no contextos daquelas crianças , em especial da criança com TEA , a fim de proporcionar aqueles indivíduos o entendimento de que apesar das diferenças , são parte de um todo , são seres indispensáveis uns aos outros e capaz de compreender um ao outro como seres sociáveis e interdependentes.

A partir dessa oportunidade, comecei a viver uma nova fase em minha carreira profissional, e passei a perceber a importância da inclusão, e o real sentido do que realmente seria o processo de inclusão.

Pois não basta apenas buscar incluir a criança que possui limitações e distúrbios comportamentais em um determinado grupo de crianças, mas também trabalhar nas outras crianças a aceitação e convívio de forma saudável.

Ao passar dos dias, comecei a perceber que o aluno se sentia mais à vontade com algumas brincadeiras, como dançar e correr. Sendo assim desenvolvemos inúmeras brincadeiras desse tipo que exigiam uma necessidade maior de aproximação, como aperto de mão e até abraços. Foi a partir daí que comecei a perceber que deveria usar alguns estímulos para incluir o aluno com TEA.

Ante o exposto, comecei a usar o aluno com TEA como meu ajudante nas horas de explicação dos exercícios, buscando sempre envolvê-lo de forma lúdica, e estimulei demais crianças para que a cada execução feita pela criança com TEA, eles aplaudirem e gritassem o nome dele, como uma forma de demonstrar para aquela criança o apoio e o companheirismo, pois ainda que a realização dos exercícios pela criança com TEA fossem realizados de forma mais limitada, aqueles gritos de apoio e encorajamento proporcionava na criança com TEA uma alegria e uma força para executar as tarefas de forma eficiente e satisfatória.

A partir de então, comecei a perceber que as crianças passaram a ver o aluno com TEA com outros olhos e que não eram olhos de preconceitos, mas sim, olhos de amor. A criança com TEA sentia-se empolga em participar das atividades, diferentemente de quando chegou na academia, agora ela realizava os exercícios em sincronia com as demais, realizava os circuitos na sequência correta, sem mais demonstrar comportamentos agressivos, mas interagindo e com as demais crianças, e estas igualmente com ela.

As aulas de funcional Kids passaram a ser algo tão prazeroso para aquela criança, que segundo sua mãe, a criança já tinha memorizado em sua mente os horários dos treinos, ao ponto de cobrar para levá-lo ao treino quando percebia que já estava passando do horário e ninguém tinha se manifestado para levá-lo.

A experiência que obtive nesse pouco tempo que tive com esses alunos vai além de qualquer outra que tive. Ver o sorriso no rosto de uma criança com autismo, ver uma criança com autismo sendo abraçada e retribuir o abraço que recebeu de várias outras crianças, que agora não mais sentiam medo de aproximação, ou qualquer tipo de preconceito, é algo que não tem preço.

A Educação Física proporcionou uma série de fatores positivos nas crianças que passaram a ter o aluno com TEA como um amigão, como o mais querido da turma, como entender que amar independente das diferenças sociais, físicas e mentais. A Educação Física ensinou aos adultos do funcional que a prática de exercícios físicos vai muito mais além que um corpo perfeito, ensinou que ela é inclusiva, pois eles passaram a olhar esse aluno como um exemplo e nos ensinou que as diferenças e limitações estão em nosso pensamentos, e maneira de observar, e não nas modalidades em que praticamos, e através do exercício físico passamos a ser mais inclusivos com qualquer pessoa, seja com classe financeira diferente, seja ela com deficiência física, mental ou até mesmo sem deficiência alguma.

Ter a experiência com autismo, me tornou uma pessoa mais humana, mais amorosa, mais profissional. Pois despertou um lado profissional em mim que jamais havia vivenciado. Me mostrou que como futuro professor de Educação Física, eu preciso antes de tudo, amar, para compreender a dor outro e através da prática de exercícios físicos, fazer com que essa dor seja convertida em felicidade.

Depois de todo o trabalho, todas as lutas que enfrentamos nas aulas, nós entendemos que aprendemos mais que ensinamos, pois através do aluno com TEA, aprendemos que nossa profissão não só traz músculos, potência, resistência, emagrecimento. Nossa profissão traz sorrisos, pois visualizamos muitos no rostinho da criança com TEA e da sua mãe na hora dos treinos.

Dentre os benefícios que foram resultados da prática de exercício físico de forma inclusiva, divertida e prazerosa para a criança com TEA, pode-se destacar por meio do relato da mãe, que houve a retomada sono, pois a criança parou de ter convulsões, peso dentro da normalidade, normalidade das taxas, economia financeira para aquela família, tendo em vista que houve redução da medicação ingerida por aquela criança, tendo em vista que a qualidade de vida dela melhorou, e ela já não precisava mais tomar a quantidade de

medicamentos que ingeria, principalmente melhor relacionamento e socialização com outras pessoas.

E para mim, trouxe satisfação profissional, satisfação pessoal. Pois vi que o campo de atuação de um profissional de educação física vai muito mais além do que uma academia, onde pessoas buscam modelar seu corpo e encontrar satisfação por meio disso. Pude compreender durante esse processo o quão para mim é prazeroso o trabalho com crianças e o quanto os resultados de um trabalho realizado com amor e com propósito pode ser transformador para todos aqueles que estão envolvidos.

Ouvir de uma mãe um “obrigado por mudar a vida de meu filho” não tem preço, e produz uma satisfação inexplicável de. Através da educação física pude experimentar uma da melhor sensação que já tive até hoje, a sensação de ganhar um aperto de mão de uma criança com autismo, visualizar um sorriso de uma criança com autismo, receber um abraço e até ouvir um “tchau” de uma criança com autismo

Ouvir da mãe da criança com TEA que de todas as atividades já tentadas praticar com o filho fracassaram, que a maioria dos profissionais através dos quais seu filho buscou ajuda não demonstraram interesse, e dedicação, e esse foi um dos motivos que contribuiu para que não fosse possível manter uma constância ou interesse da criança pelas atividades proposta, é muito triste. Situações como estas traziam desespero para esta mãe que buscava encontrar uma forma de incluir seu filho em uma atividade que pudesse proporcionar uma melhor qualidade de vida ao seu filho, que trouxesse mudanças na sua vida social, psicológica e física daquela criança.

Ante o exposto, observar que todas as tentativas foram frustradas, e que aquela mãe não havia encontrado nada que realmente fizesse a diferença na vida de seu filho, estimulou-me ainda mais, na busca por conhecimentos que me permitissem oferecer o melhor da prática de exercícios em prol do bem estar daquela e de outras crianças que frequentavam aquele ambiente de estágio, pois de acordo com o Plano Curricular Nacional a inclusão é o eixo fundamental para evitar exclusão ou alienação quanto a cultura corporal do movimento. Sendo assim, a inclusão faz parte da educação física e cabe aos profissionais portarem-se como facilitadores por meio do envolvimento de trabalhos que promovam a inclusão.

Vale destacar, que a mãe da criança autista relatou que, o funcional kids foi de fundamental importância na vida de seu filho, pois nenhuma outra atividade havia despertado tanto interesse como os exercícios praticadas nas aulas de funcional.

Entretanto, em razão das medidas de isolamento social em virtude da pandemia da COVID-19, os estabelecimento suspenderam suas atividades, e foi nesse período que a mãe

da criança com TEA relatou via redes sociais que não sabia mais o que fazer, pois quando seu filho estava nas aulas de funcional kids, a criança já não tomava mais os medicamentos, pois não se fazia mais necessário, a criança havia baixado o peso corporal, não apresentava mais crises, e não demonstrado atitudes agressivas, e comportamentos de isolamento, entretanto por conta da não prática dos exercícios funcionais, em virtude da COVID-19, a criança já estava voltando ao quadro inicial de quando chegou pela primeira vez nas aulas de funcional Kids

Em meio ao isolamento, a mãe relatou via telefone que estava desesperada, pois o seu filho de 12 anos de idade, está com um peso corporal de 108kg, tendo crises compulsivas, aumento de agressividade. A mãe acrescentou a possibilidade de sair da moradia de condomínio para casa, para assim, a criança com TEA ter mais liberdade quanto a espaço.

Segundo a mãe da criança com TEA, o funcional kids mudou tanto a vida da criança que pretende tirar seu filho das terapias, ao ponto de comunicar ao médico da criança que de todas as atividades já praticadas, incluindo a terapia, nenhuma obteve tanto resultado como o funcional kids. Melhorias essas que partem desde a saúde física como a saúde mental e social.

A mãe da criança, ainda relatou também que além de todos esses benefícios na saúde da criança com TEA, a prática de exercício físico no modelo funcional kids, afetou indiretamente a vida da mãe. Pois a mãe passou a ter melhoria no sono, pois relata que acordava constantemente no meio da madrugada, pois seu filho estava em crises, melhorou sua vida financeira, pois a prática de exercício físico trouxe economia quanto a quantidade de remédios gastos para controle de crises, e a saúde mental da mãe, pois passou a ter uma vida mais agradável, pois por seu filho não estar mais passando por crises, convulsões, a mãe pode ter menos preocupações em não ver seu filho acometido de crises constantes, e isso despertou na mãe o interesse em jamais parar com os exercícios físicos de seu filho, porém, exercícios em grupos com outras crianças, pois foi perceptível a mudança quanto a socialização da criança com TEA.

## **5. A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM TEA**

Embora a instituição família atualmente se apresente como complexa, e está exposta a fragilidades, não se pode negar a sua importância no tratamento ao transtorno mental frente aos seus membros com esse sofrimento. Pereira (2000, p. 217) expõe a questão familiar na perspectiva da atuação profissional daqueles que com ela lida em seu dia-a-dia:

A crença de que a instituição familiar exerce grande influência na formação e na vida do indivíduo está presente em todas as categorias profissionais que se interessam por trabalhar com aquela. O que diferencia uma intervenção de outra é a forma como essa instituição é vista pelos profissionais e como ela se insere nas diversas intervenções que a abordam (PEREIRA, 2000, p. 217).

Nessa conjuntura a família, não é exclusivamente considerada como quem cuida, mas, sobretudo como merecedora de cuidados para que possa desenvolver sua função. Mesmo a família sendo alvo constante de críticas, pois na tentativa de buscar formas de resolver as questões que surgem na família muitas vezes, esta desencadeia sentimentos como medo, impotência, culpa, exaustão e até desespero. Nessa concepção a família pode e deve ser o suporte do ser humano. A mesma contribui para sua formação biopsicossocial, alimenta as relações com amor, acolhimento, cuidados; estabelece relação com a qualidade de vida (QUEIROZ, 2014). A qualidade de vida relaciona-se com a saúde, envolve a totalidade do indivíduo, uma vez que não se trata tão somente de ausência de doença, mas do bem estar físico, mental e social; dentro desse contexto, os relacionamentos contribuem muito para prevenir e amenizar crises e transtornos.

A família é a primeira instituição ou estrutura com a qual o indivíduo tem o primeiro contato logo que nasce. É à família que desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da pessoa. É ela que transmite os valores morais e sociais que permitirão a socialização da criança assim como as tradições e costumes que são preservados pelas gerações. É na família que o indivíduo começa a trabalhar a sua autonomia. Sempre que uma família se depara com o facto de ter uma criança com limitações físicas e transtornos comportamentais, a primeira atitude em favor da autonomia dessa criança e do seu desenvolvimento, é a aceitação desse facto e das reais capacidades da mesma, por mais difícil que possa ser. Visto que a família precisa estar consciente e disponível para a ajudar nas mais diversas tarefas em que a criança esteja envolvida, contribuindo, assim, para a sua segurança, auto estima e socialização.(Gomes,2012/13).

Segundo Pereira (2011) um dos motivos pelos quais os pais encontram dificuldade em diagnosticar a criança com TEA, está relacionado ao fato de que a criança autista não apresenta qualquer alteração comportamental por meio de sua fisionomia. O autor ainda afirma que durante o processo de compreensão e aceitação do autismo pelas famílias, estas passam por três caminhos: o do conhecimento do autismo, o da aceitação do autismo e, por fim, o da busca por pessoas que convivam ou estejam envolvidas com o autismo.

Camargos, (2002) enfatiza o fato de que crianças com autismo apresentam características de isolamento desde a infância, apresentam dificuldades de relacionamento e

convívio em grupo, além de apresentar dificuldade de vínculo até mesmo com a figura materna.

Ante o exposto, observa-se quão importante, e desafiador é o convívio familiar da criança autista. Quando confirmado diagnóstico do autismo o impacto é grande na vida dos pais, no contexto familiar tendo em vista que a rotina, os cuidados o convívio precisa se voltado para busca do bem estar e desenvolvimento da criança autista.

Semensato e Bossa (2014, p. 382 Apud Oppenheim et al, 2007) diz, “na presença de um filho com deficiência, como no caso do TEA, a criança tende a se distanciar daquele ser que foi sonhado pelos pais.” Logo, os pais começam a buscar ajuda, para entender e compreender o que é esse transtorno e como devem prosseguir, para um melhor resultado e benefício no tratamento de seu filho (a).

Buscaglia, (1993, p.584) coloca que inicialmente, é comum a mãe não acreditar no diagnóstico e por diversas vezes negar, para si e para os outros, a existência do transtorno do espectro autista em seu filho. Muitas vezes esse comportamento se dá devido ao fato de que a mãe não se encontra preparada para o convívio familiar com uma criança com limitações, que apresenta comportamentos incomuns e que exige maiores cuidados. Normalmente esta mãe estava esperando uma criança saudável, sem nenhum tipo de transtorno que exigisse dessa mãe algo a mais do que normalmente se espera de uma mãe. E, esta não aceitação, acaba por levar algumas mães a buscar interminavelmente por outros diagnósticos que possam negar aquela constatação inicial.

Meira (1996, apud Jerusalinsky, 2007) diz que os pais desejam uma criança perfeita e saudável, pois acreditam na possibilidade de realização de seus sonhos e ideais, e quando o filho possui alguma limitação significativa, suas expectativas são frustradas, já que a criança perfeita que lhes trariam grandes alegrias não nasceu.

Entretanto após as suspeitas iniciais, vem à busca pela confirmação do que está acontecendo com o filho. De acordo com Nunes (2007) quando as limitações de seus filhos são visíveis, o sentimento é de ansiedade, desilusão, preocupação e culpa.

Segundo Mannoni (1999) As mães se sentem fragilizadas por perceberem a fragilidade do filho diante do social, ver que as pessoas ficam incomodadas com a presença da criança autista, sentido pela mãe como um preconceito, isso mobiliza a vontade de proteger cada vez mais esse filho, dedicando-se integralmente à maternidade.

As redes sociais, como família ampliada, a comunidade, a escola e a equipe de profissionais, são fontes de auxílio e informação diante das adversidades sentidas pelos pais, são necessárias um acompanhamento que englobe profissionais da saúde, educação, de acordo

com Owen (2007) precisa de uma equipe interdisciplinar, aliando a psicoterapia e a farmacologia.

Schmidt e Bosa (2007) afirmam que as escolas para educação especial, são importantes para as mães também, servindo de redes de apoio, auxiliando por meio de informação e orientação seja com atendimento psicológico individual ou em grupos.

Já Smeha e Cezar, (2011) dizem, quando as mães percebem o crescimento de seus filhos e os resultados eficazes dos tratamentos, por meios das intervenções profissionais, permitindo-se a olhar para outras dimensões de suas vidas, porém com muitas incertezas, algumas mães podem ter mais dificuldades para planejar outras ocupações, se dedicando eternamente aos cuidados desse filho. É preciso criar estratégias de intervenções, que possibilitem a estas mulheres, um espaço no qual sejam escutadas, trocando experiências, compartilhando sua dor e sofrimento, amenizando suas angústias e incertezas que são muitas.

Ante o exposto observa-se quão importante, e decisivo é o papel da família do indivíduo com autismo no seu desenvolvimento comportamental e social. Para Gomes (2013) é na família que se inicial todo o processo de socialização do indivíduo, é no seio familiar que a criança aprende sobre coisas básicas tais como: horários para as refeições, hábitos de higiene, bem como a linguagem e os hábitos comportamentais que lhes permitiram ser aceita pelo grupo.

Nesse contexto Garcia e Rodriguez (1997), destaca a importância da família como um todo, empenhada no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança autista. Para o autor a família exerce esse papel importante, à medida que estimular e facilitar convívio social, pois muito embora a criança manifeste dificuldades em socializar-se, a família deve incentivar, e criar situações que estimulem, que facilitem esse processo, colocando-se como agente facilitador, capaz de promover a capacidade de reflexão, de decisão e de escolha, frente aos mais diversos aspectos da vida da criança.

Segundo o mesmo autor, todos os membros da família desempenham importante papel no processo de socialização uma vez que, durante a infância do portador de SA, estes instruem diretamente e funcionam como modelos que as crianças seguem como forma de validação dos critérios acerca do que é social e moralmente correto.

A família deve incrementar o convívio com os outros e, caso a criança manifeste dificuldades em socializar-se, esta deve incentivar, criar situações que estimulem, que facilitem esse processo. É a família que deve, também, promover a capacidade de reflexão, de decisão e de escolha, em relação aos diversos aspectos da vida da criança e até mesmo em relação àqueles com os quais ela vai socializar. Segundo o mesmo autor, todos os membros da

família desempenham importante papel no processo de socialização uma vez que, durante a infância do portador de SA, estes instruem diretamente e funcionam como modelos que as crianças seguem como forma de validação dos critérios acerca do que é social e moralmente correto.

Para Peteer, 1998, apud Serra, (2010), no âmbito familiar o processo de aceitação da criança, pode transitar entre aceitação e a negação. Quando na adolescência os pais geralmente acabam por fazer comparações entre seus filhos e os demais jovens, e na maioria das vezes o resultado dessa comparação é negativo, enfatizando apenas o que o filho não é capaz de fazer, desconsiderando o quanto ele já evoluiu. O autor destaca ainda que, a ausência da troca afetiva e de comunicação, especialmente nas famílias de crianças de autismo, costuma ser a maior dificuldade, pois os autistas têm dificuldades específicas para entender vários sentimentos humanos. Eles aparentam não ter sentimentos, mas, na verdade, esse comportamento parece ser resultante da inabilidade cognitiva

Nesse contexto, Silva (2019) enfatiza quão importante é o estabelecimento de vínculo entre familiares, professores, crianças e demais profissionais envolvidos, a fim de que as atividades propostas estejam direcionadas às necessidades, particularidade e peculiaridades da criança com TEA, pois também se faz necessário o respeito a individualização, e o ritmo que a criança responde aos estímulos.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo buscou compreender como a educação física pode contribuir para inclusão a criança com TEA e assim poder desenvolver a inclusão, preparando-a para que a mesma não sofra impactos futuros causados pela sociedade, de modo a trazer benefícios para sua saúde física, mental e social.

O relato de experiência vivenciado na academia através do funcional kids realizado pelo estudante de educação física mostrou-se de extrema importância para o crescimento profissional como também para o desenvolvimento de um trabalho inclusivo a ser desenvolvido com crianças que tenham Transtorno do Espectro Autista - TEA. De modo que proporcionou além do crescimento profissional do estudante uma grande contribuição para a educação física e um grande avanço social, psicológico e físico da criança inserida nas aulas de funcional kids.

A demais, com a realização deste trabalho foi possível identificar que as atividades de inclusão desenvolvidas com o apoio de familiares tem um resultado muito positivo, pois o interesse familiar em inserir a criança em diversas atividades para que à mesma pudesse se identificar com alguma modalidade é essencial.

Nesse relato foi percebido uma grande satisfação da mãe da criança com TEA, pois a mãe relatou grandes melhorias no que se trata ao comportamento de agressividade, socialização e até no quesito saúde de seu filho. A prática de exercícios trouxe muitos benefícios à criança com TEA, assim como o social, pois a mãe relatou que seu filho passou a ser mais sociável no âmbito escolar e no âmbito familiar.

Nas aulas de funcional kids foi percebido que a criança teve suas capacidades melhoradas, capacidades essas como, coordenação, pois em alguns exercícios que a criança tinha dificuldades em fazer, inclusive, já não tinha mais dificuldades para execução. Melhorou muito o sistema respiratório e cardiovascular, pois foi percebido mais resistência nas brincadeiras que exigia mais resistência física.

O exercício físico parece ser uma importante ferramenta de acessibilidade para este público, bem como deve ser algo bastante incentivado pelos profissionais de educação física, pois segundo relatos da mãe da criança autista, sempre sentiu a necessidade de profissionais e estabelecimentos voltados à saúde, como por exemplo, academias que desenvolvam atividades especializada para crianças com TEA.

Ante o exposto, no decorrer da experiência prática vivenciada no estágio e com o desenvolvimento deste trabalho vivenciei muito além da satisfação profissional, mas sim uma grande realização pessoal, pois pude perceber que estou caminhando no caminho certo, um caminho de muitos desafios, muitas barreiras mas que me traz muitas realizações. Atuar no âmbito infantil já me deixava super realizado e após a experiência vivida com uma criança com TEA, que me fez conhecer o lado mais frágil, mais esquecido, mais necessitado como o lado das crianças com suas limitações, sejam elas quais for, me fez entender e enxergar que a educação física tem o poder de mudar e transformar vidas, proporcionando grandes avanços e oportunidades na vida de pessoas que a praticam.

## REFERENCIAS

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais-DSM-V**. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <<http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>> Acesso em: 20 maio 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Informação e documentação – Referências- Elaboração: NBR 6023**. São Paulo: ABNT,2011.

ATTWOOD, T. **Molduras para as intervenções comportamentais**. Criança e do Adolescente, Clínicas psiquiátricas da América do Norte. 12º, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/rebac/article/view/5903/4782>>. Acesso em: 02 Junho de 2020.

BRANDALISE, A. **Musicoterapia aplicada a pessoa com transtorno do espectro ao autismo (TEA): Uma revisão sistemática**. Revista Brasileira de Musicoterapia. Ano XV nº 15 ANO 2013. p. 28-42. Disponível em: <<http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2016/10/revista-completa-Revista-de-Musicoterapia-XV-15-2013.pdf#page=28>> Acesso em: 06 mai. 2020

BUSCAGLIA, L. F. **Os deficientes e seus pais: um desafio ao aconselhamento** (5a ed.) (R. Mendes, Trad.). Rio de Janeiro: Record; 2006.

CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. **Competência social, inclusão escolar e Autismo: um estudo de caso comparativo**. Psic.: Teor. e Pesq.; v 28, p 315-324, 2012.

CAMARGOS JUNIOR, Walter. **Transtornos invasivos do desenvolvimento**. 3º Milênio. 1ª ed. 2002. P. 260.

COREZOLA GM. **Motivos que levam a prática do treinamento funcional: uma revisão de literature [TCC]**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2015.

CORREIA, J. **A Observação Naturalista**, 2012. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/lacospsychelogos/sss/metodos-da-psicologia/a-observacao-naturalista>>. Acesso em: 20 de maio de 2020.

Cruz, C., Pereira C., Ferreira, C., Santos, H., e Ribeiro, M., (2010), Criança autista – pais e professores – uma parceria de sucesso no desenvolvimento de competências. Millenium – Revista do IPV- nº 39, dezembro de 2010. Disponível em:<<http://hdl.handle.net/10400.19/472>> Acesso em 22 de Novembro de 2020.

DIEHL, Rosilene Moraes. **Jogando com as diferenças: jogos para crianças e jovens com deficiência: em situação de inclusão e em grupos específicos**. 2. ed. São Paulo: Phorte,2008

GAUDERER, E. C. **Autismo**. 3ª ed. São Paulo: Atheneu, 1993.

ESPIRITO SANTO, L.A.A. **O comportamento de crianças com Transtorno do Espectro Autístico no contexto de educação musical: estudo de caso**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento,

Universidade Federal do Pará, 2011, p-111. Disponível em: <<http://ppgtpc.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/lady%20anny%20araujo%2020212.pdf>> acesso em: 22 mai. 2020.

FERREIRA, E. L. **Atividades físicas inclusivas para pessoas com deficiência**. vol. 2 e 5, Mogi Das Cruzes, Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas, 2011

FERREIRA, I. (2011). **Uma criança com Perturbação do Espectro do Autismo**. Um Estudo de Caso (tese de Mestrado). Retirado do Repositório do Instituto Politécnico de Castelo, Branco, [http://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/700/1/Tese\\_Isabel\\_Ferreira.pdf](http://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/700/1/Tese_Isabel_Ferreira.pdf)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GADIA, C. **Aprendizagem e autismo: transtornos da aprendizagem: abordagem neuropsicológica e multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GARCIA, T. E RODRIGUEZ, C. **A Criança Autista**. In R. Bautista (coord.), *Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa: Dinalivro, 1997.

GAUDERER, E. C. **Autismo e outros atrasos do Desenvolvimento– Uma atualização para os que atuam a área: do especialista aos pais**. São Paulo: Sarvier, 1985.

GAUDERER, E. C. **Autismo**. 3ª ed. São Paulo: Atheneu, 1993.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. In: *Revista de administração de Empresas*. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, abril 1995.

HOLLERBUSCH, R. M. da S. L. **O desenvolvimento da interação social das crianças com alteração do espectro do autismo: Estudo exploratório da influência da educação física na promoção do relacionamento interpessoal**. Universidade do Porto, 2001. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/10135>> acesso em: 10 Novembro 2020.

HOLLERBUSCH, R. M. S. L. **O desenvolvimento da interação social das crianças com alteração do espectro do autismo: estudo exploratório da influência da educação física na promoção do relacionamento interpessoal**. Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, 2001.

KANNER, L. **Distúrbios Autísticos de Contato Afetivo**. *NervousChild*, 1943. vol. 2, p. 217. Disponível em: <<http://www.ama.org.br/site/images/stories/Voceaama/artigos/080609disturbiosart.pdf>>, acesso em: 20 maio 2020.

MALHEIROS, M. R. T. L. **Pesquisa na Graduação**. Disponível em: [www.profwillian.com/\\_diversos/download/prof/marcjarita/Pesquisa\\_na\\_Graduacao.pdf](http://www.profwillian.com/_diversos/download/prof/marcjarita/Pesquisa_na_Graduacao.pdf). Acessado em: 20 de maio de 2020.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

- MANTOAN, M. T. E. **O desafio das diferenças nas escolas**. 4. ed. Petropolis: Vozes, 2011.
- MARANHÃO, Brenda Salenna da Silva; SOUZA, Moises Simão Santa Rosa de. **Educação Física, Transtorno do Espectro Autístico (TEA) inclusão escolar**: Revisão Bibliográfica. Universidade do Pará, 2012.
- MASSION, J. **Sport et autism**. Science & Sports, v. 21, p. 243-248, 2006.
- MATIKO OKUDA, P; NUNES MISQUIATTI, A. R; CAPELLINI, S. A. **Caracterização do perfil motor de escolares com transtorno autístico**. Revista Educação Especial, v. 23, n. 38, 2010.
- MELLO, A. M. S. R de. **Autismo: guia prático**. 7. ed. São Paulo: AMA; Brasília: Corde, 2007.
- NUNES, D. R. de P.; AZEVEDO, M. Q. O.; SCHMIDT, C. **Inclusão educacional de pessoas com autismo no Brasil**: uma revisão da literatura. Revista Educação Especial, v. 26, n. 47, p. 557-72, set-dez.2013. Disponível em: . Acesso em: 17.Nov.2020.
- OLIVEIRA, A. M. B. C. de. **Perturbação do espectro de autismo**: a comunicação. Porto: ed. Porto, 2009.
- OLIVEIRA, A.A.B. **Planejando a educação escolar**. In: VIEIRA, J.L.L. Educação Física e esportes: estudos e posições. Maringá/Paraná: Eduem, 2004.
- ONZI, F. Z; GOMES R. de F. **Transtorno do espectro autista**: a importância do diagnóstico e reabilitação. Caderno pedagógico, Lajeado, v. 12, n. 3, p. 188-199, 2015.
- ORNITZ, Edward M. in Gauderer, E. Christian. **O pensamento de Edward M. Ornitiz in Autismo, década de 80**: uma atualização para os que atuam na área: do especialista aos pais. São Paulo: Servier, 1985.
- ORRÚ, Sílvia Ester. **As singularidades presentes em indivíduos com síndrome de asperger e autismo de alto-desempenho**. Disponível em: <[https://www.academia.edu/35596727/AS\\_SINGULARIDADES\\_PRESENTES\\_EM\\_INDIV%3%8DDUOS\\_COM\\_SINDROME\\_DE ASPERGER\\_E\\_AUTISMO\\_DE\\_ALTO-DESEMPENHO?auto=download](https://www.academia.edu/35596727/AS_SINGULARIDADES_PRESENTES_EM_INDIV%3%8DDUOS_COM_SINDROME_DE ASPERGER_E_AUTISMO_DE_ALTO-DESEMPENHO?auto=download)>. Acesso em 04 de junho 2020.
- PEREIRA, C.C.V. **Autismo e Família**: Participação dos pais no tratamento e desenvolvimento dos filhos autistas, 2011.
- SEMENSATO, M. R. **Apego em casais com um filho com Autismo Fractal**, Rev. Psicol. vol. 26 no.2 Rio de Janeiro May/Aug. 2014 Epub May 2014.
- SERRA, Dayse. **Autismo, Família e Inclusão**. *Polêmica, Revista Eletrônica*, v. 9, nº 1, p. 40-56, jan./mar. 2010.
- SILVA JÚNIOR, L.P. **Avaliação do perfil motor de crianças autistas de 7 a 14 anos frequentadoras da Clínica Somar da cidade de Recife - PE**. Campina Grande, Universidade Estadual da Paraíba, 2012.

SILVA, Mirelly Karla da; BALBINO, Elizete Santos. **A importância da formação do professor frente ao transtorno do espectro autista – TEA:** estratégias educativas adaptadas. *VI Encontro Alagoano de Educação Inclusiva/ I Encontro Nordestino de Inclusão na Educação Superior*. 2 a 4 de dezembro de 2015.

TELES, P. S; CRUZ, C. L.P. **A prática esportiva como instrumento de inclusão:** um estudo de caso sobre aprendizagem e desenvolvimento de aluno com transtorno do espectro autista (tea). Artigo apresentado no Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional, v. 11, n. 1 (2018). Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/8954>> Acesso em: 20 maio 2020.

Zanella, A.L. & Aguiar, C.D. (2015). **A eficiência do treinamento funcional: uma revisão de literatura acerca de seus aspectos.** *Lecturas: Educación Física y Deportes. Revista Digital*. Buenos Aires, ano 19, n.202. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd202/a-eficiencia-do-treinamento-funcional.htm>>. Acesso em: 02 Novembro de 2020.